

Apresentação

Miriam Paula Manini

Como citar: MANINI, Miriam Paula. Apresentação. *In:* MANINI, Miriam Paula; OLIVEIRA, Eliane Braga de; GOMES, Ana Lucia de Abreu. **Imagem, Informação e Memória:** abordagens acerca da preservação do audiovisual, do cinema e da fotografia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 21-28. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-271-0.p21-28>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (BENJAMIN, W. Escavando e recordando. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 239-240. (Obras Escolhidas, 2)).

Em julho de 2018 eu tive um sonho: estava reunida com muitas pessoas, em local desconhecido; parecia uma festa, uma celebração, e as roupas não combinavam muito com nosso tempo; havia alegria, cumplicidade e um sentimento de satisfação que poderia ser por algum dever cumprido, realizado com prazer. Mas o que isso tem a ver com nossas reflexões, com preocupações acadêmicas ou com o fazer intelectual?! Ao acordar e costurar o sonho com minha memória, percebi que os personagens do meu filme particular eram todos(as) colegas que trabalham com imagem.

Junto com as emoções de elaboração de sentido do sonho surgiu imediatamente a ideia de organizar um livro sobre o tema. Uma lista inicial somou 44 possíveis autores e logo percebi a necessidade de reduzir esse número para tornar mais realista essa publicação. O cabalístico número 13 serviu para fecharmos os capítulos, escritos por 19 estudiosos. A vigésima pessoa em meu sonho fecha a lista de convocados como prefaciadora.

É forçoso ressaltar os elos acadêmico-científicos que inspiraram meu subconsciente a fazer uma festa onírica desta magnitude. O Grupo de Pesquisa Imagem, Memória e Informação (IMI)¹, que em 2017 completou 10 anos de existência, está aqui representado por alguns de seus membros (e ex-membros), que trazem, além de resultados quantitativos de pesquisas – o estado da arte da análise da informação de imagens fotográficas e fílmicas –, reflexões acerca de fotografia e memória e reminiscências dessa relação; os desafios dos arquivos fotográficos nas instituições de ensino superior; e a análise das imagens numa conjugação entre a filosofia da diferença e a Ciência da Informação: o que é preciso entender nas imagens para que se possa indexá-las?

Quatro projetos, em especial, desenvolvidos dentro do IMI são a base do que se apresenta: Acervos Audiovisuais no Distrito Federal e em Goiás (2011-2016); Documentos Audiovisuais, Informação e Memória: identificação de acervos fotográficos e fílmicos no Distrito Federal - Fase 1 (2013-2017, CNPq); Documentos Audiovisuais, Informação e Memória: identificação de acervos fotográficos e fílmicos no Distrito Federal (2017, Capacitação); e Documentos Audiovisuais, Informação e Memória: identificação de acervos

¹ Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3981>. Acesso em: 1 ago. 2019.

fotográficos e filmicos no Distrito Federal - Fase 2 (2017-2018, FAP/DF). Estes projetos movimentaram estudantes e professores da Universidade de Brasília e acervos do Distrito Federal e região.

Alguns outros Grupos de Pesquisa e Laboratórios representados nesta obra evidenciam interesses em comum, que se coadunam em reflexões presentes em artigos acadêmicos compartilhados, em mesas redondas e em grupos de trabalho em eventos científicos. São eles: Arquivos, educação e práticas de memória: diálogos transversais (UFMG); Cinemídia – Estudos sobre História e teoria das mídias audiovisuais (UFSCar); Estudos audiovisuais – OLHO (UNICAMP); Formação e atuação profissional em organização da informação (UNESP); História e audiovisual: circularidades e formas de comunicação (USP); História, gênero e identidades em artefatos audiovisuais (UFG); Iconografia e memória (UEL); Imagem, fotografia e cinema (UNESP); Imaginário e informação: estudos culturais e comparativos (UFF); Memória e sociedade (UFPE); e Representação temática da informação (UNESP).

Além de alguns autores fazerem parte da bibliografia de muitos pesquisadores do Grupo IMI – e, certamente, de muitos dos Grupos acima citados –, eles também são interlocutores em eventos da Associação Brasileira de Preservação Audiovisual (ABPA) – que se reúne anualmente na Mostra de Cinema de Ouro Preto (CINEOP) –, da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB) e da Associação Nacional de História (ANPUH), três grandes fóruns de debate sobre imagem, memória e informação.

Retomando o fato que originou esse encontro de autores – um verdadeiro sonho realizado –, aponto para a já observada similaridade entre a narrativa de cinema e a experiência onírica. Cinema e psicanálise, além de serem contemporâneos – enquanto os irmãos Lumière faziam suas primeiras exibições do cinematógrafo, Freud publicava seus *Estudos sobre a histeria* –, aproximam-se, atualmente, em torno da configuração do sujeito.

O encadeamento de imagens, a logicidade temporal de princípio, meio e fim – mesmo com os *flashbacks* do cinema e as experimentações mais recentes de deslocamento temporal narrativo – e a possibilidade

sempre presente de relacionar passagens do filme com nossa vida particular fazem do cinema uma arte psicossocial por excelência.

Nesta vivência algumas vezes catártica, algo provoca interrogações: por que nos emocionamos com a exibição de determinados filmes, chegando mesmo a chorar? Por que, às vezes, muitas pessoas se emocionam com a mesma cena ou sequência? A Neurociência explica, mas a atenção, aqui, deve recair sobre o alcance do cinema enquanto elaboração, construção e reconhecimento da memória pelo indivíduo.

Com o objetivo de alocar os assuntos abordados pelos autores, a obra está dividida em três blocos: Audiovisual, Informação e Memória (AIM), Cinema, Informação e Memória (CIM) e Fotografia, Informação e Memória (FIM). Tal divisão é puramente um exercício “maníaco” de colocar em escaninhos tudo que se considera classificável, catalogável. No conjunto, somos todos membros de uma mesma festa da imagem.

Concluindo, tomo a liberdade de colocar como lema de encerramento do nosso livro a escolha pela memória:

Eu escolho a memória. A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. (BRUM, E. **Meus desacontencimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: LeYa, 2014. p. 83-84.)

AIM,

CIM,

FIM!

Miriam Paula Manini